

EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO: ANÁLISE DO CONHECIMENTO PRODUZIDO ENTRE 2020-2025

Jéssica da Silva Santos¹

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
<https://orcid.org/0009-0002-8799-1187>

Ivonete Barreto de Amorim²

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
<https://orcid.org/0000-0001-9943-2118>

RESUMO

O artigo objetivou identificar a produção científica existente no *Google Acadêmico* no período de 2020-2025 acerca da relação entre educação e desenvolvimento comunitário, para compreender de que forma essa relação tem sido abordada na literatura científica. A coleta de dados foi realizada por meio de buscas nos acervos digitais do Google Acadêmico, o que possibilitou o acesso facilitado a pesquisas científicas, teses, artigos e publicações de conferências de diferentes partes do mundo. Ademais, destaca-se a importância da educação não formal como instrumento fundamental para o fortalecimento do protagonismo e da representatividade feminina nas diversas esferas da sociedade. Essa modalidade educativa configura-se como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento das mulheres em suas comunidades, mesmo diante das barreiras impostas por um patriarcado historicamente excludente.

Palavras-chave: Educação; Desenvolvimento Comunitário; Protagonismo Feminino.

EDUCACIÓN Y DESARROLLO COMUNITARIO: UN ANÁLISIS DEL ESTADO DEL CONOCIMIENTO PRODUCIDO ENTRE 2020-2025

RESUMEN

Este artículo tuvo como objetivo identificar la producción científica disponible en Google Académico entre 2020 y 2025 sobre la relación entre educación y desarrollo comunitario, con el fin de comprender cómo se ha abordado esta relación en la literatura científica. La recopilación de datos se realizó mediante búsquedas en los archivos digitales de Google Académico, que facilitaron el acceso a investigaciones científicas, tesis, artículos y publicaciones de congresos de todo el mundo. Además, el artículo destaca la importancia de la educación no formal como instrumento fundamental para fortalecer el protagonismo y la representación de las mujeres en diversas esferas de la sociedad. Esta modalidad educativa es una herramienta esencial para el desarrollo de las mujeres en sus comunidades, incluso frente a las barreras impuestas por un patriarcado históricamente excluyente.

Palabras clave: Educación; Desarrollo Comunitario; Protagonismo Femenino.

EDUCATION AND COMMUNITY DEVELOPMENT: AN ANALYSIS OF THE STATE OF KNOWLEDGE PRODUCED BETWEEN 2020-2025

ABSTRACT

This article aimed to identify the scientific production available on Google Scholar from 2020 to 2025 regarding the relationship between education and community development, in order to understand how this relationship has been addressed in the scientific literature. Data collection was conducted through searches of Google Scholar's digital archives, which provided easy access to scientific research, theses, articles, and conference publications from around the world. Furthermore, the article highlights the importance of non-formal education as a fundamental instrument for strengthening women's protagonism and representation in various spheres of society. This educational modality is an essential tool for the development of women in their communities, even in the face of the barriers imposed by a historically exclusionary patriarchy.

Key-words: Education; Community Development; Female Protagonism.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social (PPGIES/UNEB). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: jsilva@uneb.br

² Pós-Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (PGEduC/UNEB). Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica do Salvador. Professora Titular da UNEB e vice-coordenadora do PPGIES. E-mail: ebamorim@uneb.br

1. INTRODUÇÃO

A Educação tem sido objeto de estudo por diversos autores ao longo dos anos e considerada em suas diferentes vertentes como área de contribuição significativa para o desenvolvimento humano e a formação social. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar o estado do conhecimento sobre a relação entre educação e desenvolvimento comunitário, com base na produção científica publicada no banco de dados do *Google Scholar*, no período de 2020-2025. Os trabalhos analisados revelam o protagonismo e a representatividade feminina em diversas esferas sociais, sendo a educação e o trabalho fatores de grande importância para que as mulheres possam se desenvolver e, conseqüentemente, transformar suas comunidades. Esse processo possibilita “fazer novas buscas para o seu crescimento e constante busca da autonomia” (Bonifácio, 2017, p. 39).

Dessa forma, o texto está estruturado em cinco seções. A primeira corresponde à introdução, apresentação do objetivo e da relevância do estudo. A segunda seção discute as interfaces entre diferentes vertentes da educação, buscando situar teoricamente a temática abordada. A terceira trata da trajetória metodológica, detalhando os caminhos percorridos na pesquisa. A quarta seção é dedicada à análise e discussão dos resultados, à luz dos referenciais teóricos adotados. Por fim, a quinta seção apresenta as considerações finais, nas quais são retomadas as principais reflexões e apontadas possíveis contribuições e desdobramentos futuros.

2. INTEFACES ENTRE POSSÍVEIS VERTENTES DA EDUCAÇÃO

Reconhecendo-se o dinamismo do conceito e da ideia de Educação como prática social, esta é considerada como um instrumento essencial para o desenvolvimento humano e a transformação social. Nesse diapasão, a educação pode ser compreendida em três vertentes: formal, não formal e informal, cujos conceitos se distinguem entre si. Nesse sentido, Gohn (2006) discorre que:

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização- na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (p. 28).

Com efeito, a partir da definição dos tipos de educação, é possível compreender a função de cada uma na sociedade. Observa-se que a educação não formal é a que mais



se adequa às questões discutidas neste artigo, pois os espaços não formais possibilitam aprendizagens significativas para os indivíduos, especialmente para as mulheres que buscam participar social, política e economicamente, pois proporciona vivências por meio das relações sociais estabelecidas nos espaços não escolares, contribuindo para o desenvolvimento tanto individual quanto comunitário.

Isso porque, por meio da educação, “as pessoas refletem, agem e tomam consciência sobre o que são e têm capacidade de empreender esforços para alcançar um certo objectivo na sua vida” (Bonifácio, 2017, p. 40), o que nos leva a entender que essa tomada de consciência “relaciona-se a um percurso que se toma rumo ao desenvolvimento comunitário. Neste sentido, pode-se dizer que o desenvolvimento é uma consequência da educação” (Bonifácio, 2017, p. 40).

A educação, portanto, não é apenas a transmissão de conhecimento, mas também uma forma de construção de sentido e de cidadania. Por meio dela, as classes sociais podem buscar uma transformação social, na qual os excluídos do sistema global sejam protagonistas (Santos, 2006). Em um país capitalista como o Brasil, onde a globalização tende a excluir, é necessário buscar alternativas para evitar a alienação, e a educação constitui o meio mais viável para esse propósito. Nesse contexto, a educação não formal possibilita que os indivíduos se tornem cidadãos conscientes, valorizando suas vivências históricas. Para tanto, Gohn (2006, p. 29) enfatiza que:

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes em um dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania.

Destarte, a educação não formal tem como finalidade possibilitar que os indivíduos ampliem seus conhecimentos sobre o mundo, promovendo uma reflexão acerca de suas relações sociais e permitindo que se tornem pessoas conscientes, críticas e atuantes em suas comunidades. Diferentemente da educação formal — escolarizada —, a educação não formal ocorre em “ambientes e situações interativos construídos coletivamente” (Gohn, 2006, p. 29), não havendo obrigatoriedade de participação dos sujeitos. Contudo, “ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um” (Gohn, 2006, p. 29).

Nessa perspectiva, compreende-se que a educação em espaços não escolares

desenvolve nos indivíduos o senso de pertencimento, contribuindo para a construção de sua identidade. Tal aspecto é de suma importância, especialmente no que se refere às mulheres que buscam seu lugar de valorização na sociedade. A relação entre a educação não formal e o desenvolvimento comunitário é evidenciada pela compreensão de que, sem educação, não há desenvolvimento. Além disso, a educação em espaços não formais busca valorizar a cultura, desenvolvendo a “consciência e organização de como agir em grupos coletivos” (Gohn, 2006, p. 30).

Destarte, a educação não formal tem como propósito central atender ao ser humano em sua totalidade, sem distinções de idade, gênero, etnia ou condição socioeconômica. Essa modalidade educativa caracteriza-se por seu compromisso com a inclusão e se propõe, entre outras funções, a desconstruir concepções equivocadas que a colocam em oposição à educação formal. Ao contrário, ela busca complementar essa última, contribuindo para alcançar objetivos que, por diversas razões, não foram plenamente atingidos no âmbito escolar tradicional.

Dessa forma, pode-se afirmar que, embora esteja atenta ao desempenho acadêmico dos indivíduos, a educação não formal tem como foco prioritário o desenvolvimento integral da pessoa, indo além das competências estritamente pedagógicas valorizadas pela educação formal. Para tanto, é essencial a articulação entre diferentes saberes e práticas sociais — incluindo organizações da sociedade civil, manifestações culturais, movimentos sociais e expressões artísticas —, de modo a ampliar as possibilidades de aprendizagem e garantir a plena formação cidadã.

Entretanto, ao considerarmos a educação informal no contexto comunitário, especialmente em espaços onde mulheres assumem o papel de chefes de família, é imprescindível reconhecer que essa realidade não pode ser dissociada dos inúmeros desafios sociais enfrentados. Tais desafios emergem em uma sociedade marcada por processos históricos de exclusão e discriminação, entre os quais se destaca a persistência do patriarcado. Esse sistema de dominação, como analisa Hooks (1981, p. 64), deve ser compreendido como “o poder que os homens usam para dominar as mulheres, este não sendo apenas um privilégio das classes altas e médias dos homens brancos, mas um privilégio de todos os homens na sociedade sem olhar a classe ou a raça”. Assim, a atuação educacional comunitária deve considerar essas dinâmicas de opressão, a fim de promover ações transformadoras que fortaleçam a autonomia e o protagonismo das mulheres em seus territórios.

3. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O presente artigo foi elaborado a partir de aportes teóricos de autores como Bonifácio (2017), Santos (2006) e Freire (2016), os quais foram problematizados nas discussões promovidas no Componente Curricular *Educação, Desenvolvimento e Modernidade*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social (PPGIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), resultando em contribuições significativas para fortalecer o diálogo entre estudos acadêmicos e práticas investigativas.

A investigação utilizou a metodologia do *estado do conhecimento*, cuja proposta é oferecer uma visão ampla e crítica da produção acadêmica existente sobre a temática, orientando e qualificando os caminhos da análise e da construção do conhecimento. Além disso, essa metodologia tem a função de “identificação, registro e categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo” (Morosini; Fernandes, 2014, p. 155).

Por conseguinte, a coleta de informações para a pesquisa do estado do conhecimento foi realizada por meio de buscas no banco de dados do *Google Scholar*, que possibilita fácil acesso a resultados de pesquisas científicas, teses, artigos e publicações de conferências produzidas por investigadores de todo o mundo. Foram selecionados quatro descritores para a realização da pesquisa: protagonismo feminino; educação e protagonismo feminino e desenvolvimento comunitário; mulher e educação; e educação, protagonismo feminino e desenvolvimento. Os artigos selecionados foram publicados nos últimos cinco anos (2020 a 2025) e resultantes de refinamentos empregados na pesquisa avançada para se chegar aos resultados esperados. Assim os refinamentos usados foram: no mínimo uma das palavras; frase exata; sem as palavras. O quadro 1 a seguir, apresenta os resultados da pesquisa com os descritores e refinamentos mencionados.

Quadro 1: Descritores Pesquisados.

DESCRITORES	Protagonismo feminino
NO MÍNIMO UMA DAS PALAVRAS	Associação comunitária
COM A FRASE EXATA	Educação popular
SEM AS PALAVRAS	Cinema- rede- cientistas- científicas- blog- saúde- crianças- rap- agroecologia- design- esporte.
TOTAL	8 artigos apenas 1 contemplava o trabalho
DESCRITORES	Educação e Protagonismo feminino e desenvolvimento comunitário
NO MÍNIMO UMA DAS PALAVRAS	Associação

SEM AS PALAVRAS	Indígenas- escolarização- imigrantes- relations- arte- física- cooperativa- filarmônicas- geometria- cientistas- etnografia- narrativa- biblioteca- EJA- ambiental- empoderamento- saúde.
TOTAL	11 artigos 1 contemplava o trabalho
DESCRITORES	Mulher e Educação
NO MÍNIMO UMA DAS PALAVRAS	mulheres, social
COM A FRASE EXATA	desenvolvimento comunitário
SEM AS PALAVRAS	Exílio- periferia- idosos- Evaristo- carnívora- urbano- assoalho- sergipana- sadio- covid- nordeste- milho- políticos- prisão- lar- formativas- navegar- projecto- Amazônia- imaginário- empreendedorismo- infantil- música- empowerment- Moçambique.
TOTAL	13 artigos 1 contemplava o trabalho
DESCRITORES	Educação protagonismo feminino e desenvolvimento
NO MÍNIMO UMA DAS PALAVRAS	Associação
COM A FRASE EXATA	ações comunitárias
SEM AS PALAVRAS	Blog- Souza- brazilian- Alves- elétricas- empírica- instalações-subjetivações- games- instituto- fruto- cívico- computação- dramatizar gleba- nascimento- quilombo.
TOTAL	1 trabalho

Fonte: As autoras.

Em seguida, realizou-se a leitura dos trabalhos pesquisados, com o objetivo de identificar informações analíticas relevantes para cada estudo, tais como ano de publicação, palavras-chave e presença dos descritores. Diante disso, apenas quatro trabalhos — três artigos e uma dissertação de mestrado — atenderam aos critérios estabelecidos, sendo selecionados para análise e categorização. Com efeito, os trabalhos selecionados estão elencados no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2: Trabalhos selecionados nos acervos digitais do Google acadêmico.

TIPO DE TRABALHO	AUTOR(ES)	ANO	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE
Artigo	Katiane Vargens de Oliveira; Neli Teresinha Galarce Machado; Marcos Rogério Kreutz.	2021	Aprendizagens em espaços não formais e o empoderamento feminino.	Associações. Empoderamento. Mulheres. Vivências.
Artigo	Debora Rickli Fiuza; Luciana Klanovicz.	2021	Mulher, Educação e Desenvolvimento Social	Gênero, Educação, Vulnerabilidade Social.
Artigo	Albina Graciéla Aguiar Meus Luciana Zago Ethur	2021	O protagonismo da mulher e sua representatividade no desenvolvimento local da Agricultura Familiar	Mulheres no campo; Representação social; Agricultoras familiares; Divisão sexual do trabalho
Dissertação Mestrado Profissional	Roberta Soares Cornely	2023	Mulheres Transformadoras: protagonismo feminino, identidades, culturas, educação cidadania em ações comunitárias	Mulheres. Identidades. Educação. Protagonismo feminino. Cidadania. Ações Comunitárias.

Fonte: As autoras.

Na sequência, após a construção do quadro com os trabalhos selecionados e considerando os descritores como unidades de significação, realizou-se análise a partir dos temas e objetivos apresentados em cada um dos estudos.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao proceder a análise dos trabalhos elencados no Quadro 2, verificou-se que as pesquisas abordam o protagonismo e a representatividade feminina nas diversas esferas da sociedade, partindo do pressuposto de que o trabalho e a educação são ferramentas essenciais para o desenvolvimento das mulheres em suas comunidades, mesmo diante do patriarcado histórico que valoriza predominantemente o trabalho masculino.

Nesse contexto, Meus e Ethur (2021) ressaltam:

[...] construir uma identidade de gênero na qual as mulheres sejam reconhecidas de forma equitativa por seu trabalho, nas diversas esferas sociais. Nomeio rural, o seu reconhecimento enquanto agricultora, dando-se visibilidade ao seu trabalho na agricultura, restituindo o mérito do seu trabalho e sua contribuição não apenas na reprodução, mas também na produção da geração da renda familiar (p. 02).

As mulheres sempre trabalharam, porém, no âmbito familiar, esta atividade nunca foi devidamente valorizada, sendo muitas vezes considerado como obrigação ou, no máximo, como ajuda para o cônjuge ou para os pais (Dias *et al.*, 2025; Araújo; Andriola; Ramos, 2025ab). Diante disso, há de se reconhecer a necessidade de que as mulheres tenham sua valorização e mérito reconhecidos em suas atividades, pois “fica evidente que as agricultoras, através do seu trabalho e atuação nas mais diversas esferas sociais, protagonizam o desenvolvimento local da agricultura familiar” (Meus; Ethur, 2021, p. 1).

Nesse contexto, Oliveira, Machado e Kreutz (2021) ressaltam que “as mudanças ganham realce quando as atrizes sociais começam a identificar e questionar o patriarcado e, assim, passam a se perceber como pessoas, cidadãs, sujeitos da sua história e agentes de transformação” (p. 18). Para que a mudança de paradigma ocorra, os autores apresentam a educação como ponto-chave para transformar a vida dessas mulheres.

Outrossim, a educação não ocorre apenas em espaços escolares e que a visão de que “os processos educativos só ocorrem no universo escolar ocasiona a desvalorização dos saberes frutos das vivências cotidianas” (Oliveira; Machado; Kreutz, 2021, p. 2). As referidas autoras prosseguem em suas alegações discorrendo que os processos educativos que acontecem em espaços não formais propiciam potencial para a

formação humana dos indivíduos. Além disso, possibilitam o empoderamento de seus partícipes, processo que é essencial para o exercício pleno da cidadania.

Corroborando com Oliveira, Machado e Kreutz, (2021), as autoras Fiuza e Klanovicz (2021, p. 02) enfatizam:

A educação possibilita a convivência social dos grupos no seio de suas comunidades, auxilia o cidadão na tomada de consciência, conduz para a prática da cidadania, para o exercício dos seus direitos e de suas responsabilidades e, sobretudo, para que se vivencie o desenvolvimento do cidadão dentro de sua comunidade.

A educação, nesse sentido, possibilita a construção de espaços de troca de conhecimentos, além de contribuir para o desenvolvimento comunitário — um processo multicultural no qual “o ato educativo possibilita que o ser humano seja colocado na condição de sujeito, instigado a transformar o mundo em que está colocado e a transformação de sua própria história” (Fiuza; Klanovicz, 2021, p. 2).

Os estudos de Fiuza e Klanovicz (2021, p.2) apresentam ainda uma reflexão sobre a inserção da mulher na educação, destacando que “a história do acesso da mulher à educação no Brasil configurou-se de forma distinta, com todos os impedimentos e entraves que são próprios da realidade brasileira” (p. 2). As autoras abordam as lutas enfrentadas pelas mulheres para obter acesso à educação e à profissionalização, e ressaltam que “a relação entre Gênero e Educação é uma demanda que se apresenta historicamente, visto que ao longo dos tempos as mulheres foram superando processos de exclusão e o acesso à educação tornou-se uma das grandes demandas do movimento feminista” (Fiuza; Klanovicz, 2021, p. 2).

Cornely (2023) destaca que, a partir de vivências comunitárias, as mulheres estão em constante processo de aprendizagem e transformação, trazendo uma compreensão ampliada sobre os conhecimentos construídos em espaços não escolares. A autora evidencia que, nesses locais, “acontecem trocas significativas de saberes; a resignificação das identidades através do resgate e da (re)construção de memórias” (Cornely, 2023, p. 8). Desse modo, a autora ressalta a importância de dar voz a essas mulheres que, historicamente, foram silenciadas, evidenciando o protagonismo que exercem dentro da comunidade em que vivem, pois:

[...] são lideranças importantes, que se movimentam na direção dos feminismos, muitas vezes sem ao menos saber, explicitamente, o que os feminismos significam, literalmente. Isso ainda pode parecer difícil de compreenderem, pois foram criadas

com valores diferentes, de outros tempos, mas o que importa mesmo, é que se empoderaram de tal forma a modificar sua comunidade vislumbrando novos caminhos (Cornely, 2023, p. 69).

Com efeito, as mulheres são protagonistas nas comunidades em que vivem. Além disso, é fundamental reconhecer a potência que possuem para transformar sua realidade, buscando novos caminhos. Vale ressaltar que o conhecimento e a aprendizagem podem ser adquiridos em diversos espaços, evidenciando “a potência dos compartilhamentos possíveis em locais de aprendizagem não escolares” (Cornely, 2023, p. 86). Esses espaços de trocas e vivências permitem a construção de aprendizagens significativas, especialmente por meio da educação não formal.

Diante dessas premissas, os trabalhos analisados evidenciam que a educação constitui a base para o desenvolvimento comunitário, tendo a mulher como protagonista — especialmente aquela que, historicamente, teve seu trabalho invisibilizado e reduzido a uma obrigação ou mero auxílio, principalmente no âmbito doméstico. Observa-se, ainda, que os espaços não escolares, sobretudo os comunitários, também se configuram como locais legítimos de construção e aquisição de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas evidenciam a significativa contribuição da educação em espaços não escolares para o desenvolvimento comunitário. Por meio dessas práticas educativas observou-se que as mulheres ampliam suas possibilidades de atuação, conquistando espaços de participação, fortalecendo sua voz e assumindo o protagonismo nas dinâmicas sociais de suas comunidades. De fato, os trabalhos analisados apresentam a educação em espaços não escolares como elemento propulsor do desenvolvimento e da superação de mulheres que buscam afirmar seu lugar em uma sociedade historicamente marcada pelo machismo (Araújo; Andriola, 2024).

Nesse sentido, Bonifácio (2017) defende a importância da educação na “formação do indivíduo que, transformado, consegue fazer uma leitura dos fenômenos e percebe a sua ação na comunidade, contribuindo para o seu crescimento intelectual, moral e social e também dos outros com os quais convive” (p. 38). Destarte, a educação é um fator essencial para a transformação tanto do indivíduo quanto da comunidade.

Contudo, é necessário que essa educação seja emancipadora, “desvestida da roupagem alienada e alienante, [e que] seja uma força de mudança e de libertação”

(Freire, 2016, p. 36). Portanto, evidencia-se que a educação não formal é de suma importância para o fortalecimento do protagonismo e da representatividade feminina nas diversas esferas da sociedade. Além disso, configura-se como ferramenta essencial para o desenvolvimento das mulheres em suas comunidades, mesmo diante das barreiras impostas por um patriarcado historicamente excludente, que tende a invisibilizar seu trabalho e sua contribuição social.

Diante das reflexões oriundas das quatro pesquisas analisadas, somos inspirados a prospectar novos estudos com mulheres que atuam em comunidades do território do Sisal, no estado da Bahia. O objetivo é aprofundar a compreensão de como, mesmo diante das adversidades socioeconômicas e das persistentes desigualdades de gênero, essas mulheres constroem estratégias de resistência e solidariedade, contribuindo ativamente para a transformação de suas realidades locais. As experiências vivenciadas por essas mulheres evidenciam que a educação não formal, quando articulada às práticas cotidianas e aos saberes comunitários, potencializa a autonomia feminina e fortalece redes de apoio capazes de romper com dinâmicas opressoras, promovendo o empoderamento coletivo e a valorização das identidades locais.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. C.; ANDRIOLA, W. B. Mulheres negras na educação superior do Brasil: novos desafios para as políticas afirmativas. In: **XXI Congreso Internacional de Investigación Educativa**. Resúmenes Barcelona: Editora de la Universidad de Barcelona, 2024.
- ARAÚJO, A. C.; ANDRIOLA, W. B.; RAMOS, E. M. Interseccionalidade de gênero e raça nas universidades brasileiras: reflexões necessárias para superação de vulnerabilidades e fortalecimento da justiça social. In: **58 International Congress of Americanists**. Proceedings ... Ministerio de Ciencia, Desarrollo Tecnológico e Innovación de la República de Serbia, 2025a.
- ARAÚJO, A. C.; ANDRIOLA, W. B.; RAMOS, E. M. Vivências e violências: reflexões sobre as experiências acadêmicas de mulheres negras nas universidades públicas do Brasil. In: **Congreso Internacional de Antropología - Narrativa de resistencia: comprendiendo las violencias en la actualidad**. Resúmenes Valencia, Spain: Editora de la Universitat de Valencia, Spain, 2025b.
- CORNELY, R. S. **Mulheres Transformadoras: protagonismo feminino, identidades, culturas, educação e cidadania em ações comunitárias**. Osório - RS, 2023.
- DIAS, L. S.; ARAÚJO, A. C.; NUNES, A. O.; ANDRIOLA, W. B.; RAMOS, E. M. Vivências de mulheres negras em cursos de graduação: estudo de caso na Universidade Vale do Acaraú (UVA). **Caderno Pedagógico**, v. 9, n.2, e17990, 2025.
- FIUZA, D. R; KLANOVICZ, L. Mulher, Educação e Desenvolvimento Social. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2021.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra Ltda. Rio de Janeiro, 2016.

GRACÍELA, A.; MEUS, A.; ETHUR, L. Z. **O Protagonismo da Mulher e sua representatividade no desenvolvimento local da Agricultura Familiar**. Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Itaqui – RS, 2021.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v.14, n.50, p. 27-38, 2006.

HOOKS, B. **Ain't I a Woman? Black women and feminism**. United States, South & Press, 1981.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, v. 5, n. 2, p. 154–164, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/poescrito/article/view/18875>. Acesso: 08/08/2025.

PIEIDADE, B. A educação e o desenvolvimento comunitário como alavanca crucial para a coesão social. **Rev. Cienc. Educ., Americana**, ano XIX, n. 39, p. 35-52, jul./dez. 2017.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

OLIVEIRA, K. V. de; MACHADO, N. T. G.; KREUTZ, M. R. Aprendizagens em espaços não formais e o empoderamento feminino. **Eccos - Revista Científica**, São Paulo, n. 56, p. 1-21, 2021.